



Ata da 2ª Reunião Geral do Fórum Agropecuária e Silvicultura em 2021 – 24 de junho

Participantes: Adriana Moraes (BASF), Ana Carolina C Duque (Pinheiro Neto Advogados), Ana Luci Grizzi (Veirano Advogados), Anderson Cortiella (PlataformaVerde), Caio Moraes (Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados), Carla Gheler-Costa (Câmara dos Deputados), Carol Sacramento (Black Jaguar Foundation), Cynthia Souza (Climate Reality Project Brasil), Carlos Barros, Eduardo Bastos (Bayer), Eduardo Daher (Abag), Elaine da Silva, Emilia Dualibi (Abag), Fabiana Pureza de Almeida (RDSLVC/CBA), Fabiana Vilela (SEBRAE MG), Felipe Vilela (reNature), Fernanda Rocha (TNC), Fernanda Rodrigues (Diálogo Florestal), Fernanda Rotta (Rotta e Moro Sociedade de Advogados), Fernando Passos (UFPR), Gabriela Goulart Oliveira (Synergia Consultoria), Gislaine Balbinot (Abag), Gustavo Palauro (Agroicone), Heloisa Tozato (USP), Ivan Alvarez (Embrapa), Ivone Namikawa (Klabin), João Pedro Pacheco (Suzano), José Henrique Bazani (Geplant), Juliana Monti (Solidaridad), Juliano Assunção (CPI PUC-Rio), Kalil Cury (Partner Desenvolvimento), Karen Tada (Bem Comunicar), Leda Tavares (WWF), Leila Harfuch (Agroicone), Liège Correia (JBS), Lucas Ribeiro (Abag), Marcello Brito (Abag), Marcelo Posonski (Proforest), Marcelo Vieira (SRB), Marco Antonio de R Ferreira (ARPEMG), Maressa Bettencout (Gv5- Grupo Cinco Estrelas), Mariana Araujo Silva, Mariana Barbosa (Pinheiro Neto Advogados), Mariana Pereira (Solidaridad), Marisa Diniz (STCP Engenharia de Projetos), Mauricio Fernandes (BASF), Mauricio Moura Costa (BV Rio), Michele Cotta (COPPE/UFRJ), Natália Renteria (CEBDS), Nathalia Granato (Ibá), Nina Soares (CEBDS), Paula Peirão (TNC), Pedro Ronca (P&A), Regina Cavini (Pnuma), Renata Nishio (CEBDS), Roberta Dógoli (Patri), Roberto Strumpf (Radicale Brazi), Sandrine Gouvêa (I Care Brazil), Sara Sales (Trebea - Gestão e Sustentabilidade), Sibeke Kamphorst (Syngenta), Silvio Brienza (Embrapa), Simone Gonçalves (Abiec), Stéphanie Ferreira (Sindicato Rural de Três Lagoas), Susian Martins (Radicale Brazil), Vanderlei Perez Canhos (CRIA), Vanessa Chiamulera (Grupo Morena), Vera Lex Engel (UNESP), Vinicius Cichon (Regenera S.A.); Fernanda Macedo, Joice Oliveira, Laura Lamônica, Maiara Beckrich (Coalizão Brasil).

Atualizações das Forças Tarefas do Fórum de Diálogo Agropecuária e Silvicultura

FT Finanças Verdes

- As resoluções do Plano Safra 2021/2022 saíram este mês e as [contribuições que a FT enviou](#) foram parcialmente incorporadas. Estas focavam no fortalecimento do Programa ABC e na harmonização de programas de investimento que têm sinergia com ele. Destaco o aumento do volume disponibilizado de crédito, de R\$ 2,5 bilhões para R\$ 5 bilhões, e a criação do subprograma ABC Manejo do Solo. No Inovagro houve harmonizações com o Moderagro, alinhado às propostas que fizemos ao Ministério da Agricultura, Ministério da Economia e Banco Central. Houve avanços, ainda, no tema do seguro rural, com incorporação de critérios socioambientais.
- A FT também trabalhou na elaboração de um documento para a [consulta 82](#), do Banco Central, sobre critérios de sustentabilidade e restrições a acesso ao crédito rural. Estamos



aguardando para saber se a resolução sairá a tempo de vigorar já neste Plano Safra. Além disso, enviamos contribuições para as [consultas 85 e 86](#), sobre gestão de risco das instituições financeiras.

- A Coalizão também está participando da avaliação decenal da implementação do Plano ABC, para o qual contribuiu via questionário feito pelo MAPA.
- Por fim, fizemos reunião com os novos membros do setor financeiro na Coalizão, para iniciar um braço de finanças privadas para critérios ambientais, sociais e de governança, para fomentar o financiamento privado para agropecuária e uso da terra.

FT ATER

- A FT foi criada com o objetivo de influenciar a revisão da Política Nacional de Ater. O [PL 4371/2020](#) traz vários pontos sensíveis e queríamos realizar uma conversa com o autor, deputado Zé Silva, para apresentar os pontos acordados no escopo da FT. No momento, essa revisão está parada. Seguimos monitorando.
- Fizemos um posicionamento simples, com sete pontos, para a revisão da PNATER: i. Garantir gratuidade e priorização de ações e recursos para agricultura familiar e povos indígenas, quilombolas e tradicionais; ii. Programa contínuo de formação e atualização de técnicos de ATER, com olhar para agricultura de baixo carbono e crédito rural; iii. Prioridade de processos de ATER coletiva, para criar agentes multiplicadores e ter maior capilaridade; iv. Incentivo à ATER digital e semipresencial, quando fizer sentido; v. Arranjos públicos-privados para implementar ATER; vi. Definição de indicadores de desempenho, metas e acompanhamento; e vii. Garantir participação de municípios, estados e sociedade civil na elaboração e execução orçamentária, para que não fiquem concentradas na esfera federal.
- Além disso, entendemos que a FT pode atuar em outras frentes para além da política nacional. A Solidaridad vai lançar a publicação “O Vazio da ATER”, com números de custo-eficiência da ATER e estudos de caso. Ela pode trazer insumos para a discussão na Coalizão.

Debate: Produzir e conservar: os desafios dos jovens no campo

Moderador Lucas Ribeiro, gerente de Sustentabilidade da Abag e líder do Fórum Agropecuária e Silvicultura

- O tema do debate surgiu a partir da [Visão 2030-2050](#) da Coalizão no que refere a Agropecuária e Silvicultura, que é a de produzir mais e melhor, conservando o meio ambiente. Hoje queremos abordar os desafios dos jovens no campo para atingir este objetivo, considerando os conflitos geracionais e a chegada de novas tecnologias. Para falar disso, nada melhor do que profissionais que estão no dia a dia no campo. Não por exclusividade, mas por competência, chegamos a este time de mulheres debatedoras. Algumas perguntas:
 - Peço para cada uma que faça uma apresentação de suas atividades.



- Temos conflitos de gerações, entre produtores mais antigos e seu *know how* de como deve ser a produção e os profissionais que chegam com novas formas de produzir e conservar. Qual o caminho para integrar esses profissionais?
- Há iniciativas para motivar o jovem a permanecer no campo?
- Como é a sucessão familiar? O que é mais difícil e desafiador para promover as atividades desejadas? Por ser mulher, a dificuldade é maior?
- Como a sustentabilidade chegou a sua propriedade? Foi uma “descoberta” interna ou uma demanda que veio de clientes ou de colaboradores?

Vanessa Chiamulera, gestora de Processos do Grupo Morena

- Somos uma propriedade rural em Campo Novo do Parecis (MT). Produzimos soja, milho e gado de corte e temos setores de silvicultura e armazenagem em uma área de 10 mil hectares, e entramos no ramo de sementes. Ao longo dos anos, temos buscado usar modelos sustentáveis, como plantio direto, iLPF, uso de energia solar, coleta seletiva de resíduos e sistema de captação de água da chuva. Temos dado foco também ao social.
- Existe um grande paradigma, nas empresas rurais, de que só alguém da família pode suceder ao CEO. A pessoa tem que gostar do que faz; então, para aqueles jovens que gostam, é bom que toquem os negócios da família. Mas, se esse não for o caso, a pessoa não pode se limitar, nem os negócios da família.
- Temos muitas mulheres na empresa, mas, se posicionar como mulher é um desafio, pois precisamos frequentemente provar nossa competência. Se você entende do que está falando, é mais fácil. O fato de ser jovem já foi um obstáculo maior. Hoje sinto que as organizações querem receber mais contribuição desse público. Afinal, o jovem sempre tem um desejo de fazer diferença no mundo. E, por meio do nosso negócio, podemos gerar impactos positivos. A empresa é uma grande ferramenta de mudança social.
- Assumimos compromisso público de produção alinhada com três ODS. Hoje ainda não estamos sendo super remunerados por ter certificações relacionadas a sustentabilidade, mas melhoramos como empresa. Sustentabilidade é sinônimo de eficiência - fazer mais com menos.
- As tecnologias trazem oportunidade para sermos mais produtivos. Plantamos milho safrinha consorciado com braquiária; então, quando colhemos o milho, já tem pasto pronto para o gado. E ainda pode-se plantar soja. Canalizamos a água da chuva que caía nos barracões para grandes reservatórios e assim captamos 20 milhões de litros de água no período de chuvas.
- Em governança, as propriedades precisam progredir muito, porque o que te trouxe aqui não vai te levar nos próximos 30 anos. Criamos fóruns para debater com nossos colaboradores e fomos construindo uma cultura baseada em sustentabilidade. Isso gera ações positivas da porteira para fora. Da porteira para dentro, temos que mostrar o trabalho que fazemos, cobrar dos nossos pares que façam o correto e incentivá-los.
- O Brasil é o país que mais produz e preserva. O Código Florestal é poderoso, precisa apenas ser respeitado. Participo de um grupo de entusiastas do agro no mundo e fui bolsista da Bayer este ano no tema de sustentabilidade. A gente constata que os maiores



cases de sustentabilidade estão aqui. Buscando referências, acreditando que podemos fazer mais e melhor, com um espírito de inquietação, o Brasil vai ser referência mundial.

Maressa R. Vilela Bettencourt, produtora rural da Pecuária Gv5 – Grupo Cinco Estrelas

- O Gv5 é um grupo familiar, localizado na área da Amazônia Legal. Temos propriedade em Juara (MT), uma região que já foi grande produtora de gado e hoje tem muita agricultura. Somos produtores de genética das raças gir leiteiro, girolando e nelore. Estamos com esse olhar, de produzir mais em menos área, e de chamar atenção que a floresta em pé tem que ser remunerada. Enquanto não tiver esse olhar, cria-se muita margem para ilegalidade. Como país temos de ser mais eficientes na comunicação e mostrar os bons exemplos.
- A sucessão familiar vai acontecer, ou de forma programada e com mais chance de ser bem-sucedida, ou de repente - e aí vemos muitas famílias perderem patrimônio. Meu pai tem 84 anos, segue à frente dos negócios. Eu me formei em direito e fiquei longe um tempo, mas despertei para a vontade de fazer reflorestamento de teca e acabei me enraizando aqui.
- Não posso falar que senti muito o desafio de ser mulher. Sou caçula de 5 filhos e a única que trabalha com meu pai. Mas a mulher tem que se posicionar, porque é um ambiente masculino.
- A tecnologia pode aproximar os jovens do campo. Por exemplo, hoje a pessoa tem que ser muito boa para dirigir trator, porque é muito tecnológico. Isso estimula os jovens, que se formam e querem vivenciar na prática. A união das gerações, entre experiência e energia, leva a uma relação ganha-ganha.
- A pressão para ser mais produtivo traz sustentabilidade. Você tem que ter mata ciliar não porque é obrigado a fazer isso, mas porque melhora a água. Tem que olhar a parte da preservação, do solo, onde tudo começa. O Brasil tem responsabilidade de levar segurança alimentar para o mundo. Temos margem de crescimento nas áreas que já estão abertas. É preciso fiscalizar e dar exemplo, mostrar que é preciso arrumar terra degradada. Temos espaço para sermos liderança, de forma sustentável.
- A pesquisa também é um aspecto importante. Um produtor da Austrália identificou que as vacas estavam indo bem na parte reprodutiva e saúde e chamou uma universidade para entender por quê. Identificaram que elas comiam alga, que neutralizava 80% do gás metano do gado. Essa é uma informação relevante para olhar a pecuária de outra forma.
- Quando o animal está bem tratado, você vai ter animal de melhor qualidade e rentabilidade maior. As empresas grandes têm de ter responsabilidade de apoiar boas práticas, mas também é preciso chamar a sociedade para suas responsabilidades como consumidores. Tudo isso ajuda a agregar valor e precisa ter subsídio, pois é caro.

Stéphanie Ferreira, vice-presidente do Sindicato Rural de Três Lagoas – SRTL

- Sou engenheira agrônoma, formada na Esalq. Fui trabalhar no programa ABC Cerrado e depois entrei para assistência técnica do Senar. Precisava ter confiança, por ser nova e ser



mulher, para chegar na propriedade rural e recomendar ações para produtores de 70 anos de idade. Na sequência, entrei no Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS) para disseminar o Guia de Indicadores da Pecuária Sustentável (GIPS) e levei a pauta da sustentabilidade para produtores rurais, com objetivo de que se aprofundassem no tema.

- Em 2016, participei do CNA Jovem, que desenvolve lideranças, o que nos levou a fundar o Famasul (Federação da Agricultura e Pecuária de MS) Jovem. Em seguida, entrei para a diretoria do Sindicato Rural de Três Lagos e hoje, com 28 anos, sou vice-presidente. Consegui enxergar meu propósito, que é sensibilizar produtores.
- O choque de gerações é saudável, mas precisa ser feito de forma estratégica. O jovem sabe o que quer e sabe que o caminho que precisa ser seguido é o da sustentabilidade, mas muitas vezes falta estratégia na hora de conversar e executar. Acredito que é importante o jovem saber escutar, e o pessoal que está há mais tempo dentro da porteira precisa entender que a oportunidade tem que ser dada.
- O que temos feito para trazer jovens é disseminar informação. Temos trabalhado em mudanças de *mindset* em outros sindicatos rurais e fizemos parcerias com universidades, porque acreditamos que o principal gargalo é a faculdade. O *mindset*, lá, é o da carreira em grandes empresas, e pouco se fala em ser produtor rural. Além disso, para o jovem voltar para a fazenda da família, ele precisa de estrutura, com cargo definido e salário.
- O setor agro é muito familiar, mas precisa se tornar empresa. Já cheguei em uma fazenda para falar de gestão e o produtor me passou contas anotadas em um papel de embrulhar pão. A maioria é assim? Não. Mas tem muita gente que está para trás, que não considera contratar alguém para ser o gestor da fazenda.
- A assistência técnica mudou muita coisa. Os jovens que começaram a trabalhar na assistência técnica do Senar foram contratados como consultores nas fazendas. A assistência trouxe novidades, mercado de trabalho, foram abertos cursos de engenharia agrônoma, de veterinária.
- Recentemente fizemos uma Expo 3 temática, sobre o desafio climático na agropecuária. E, no Dia dos Jovens, falaremos de PSA, um tema trazido por eles. Temos visto os jovens preocupados com produção de carne sustentável.
- A realidade pecuária tem muitos extremos e é preciso um diálogo bem feito, estruturação de ATER, para que ele consiga implantar boas práticas, além de sensibilização, que é um trabalho de formiguinha. Os sindicatos rurais precisam de projetos, de apoio e de orientação sobre como sensibilizar os produtores para o tema da sustentabilidade.